

UM ESTUDO LÉXICO-DIALETAL DOS FALARES DE SANTA CATARINA E DA PARAÍBA: UM CASO DE VARIAÇÃO?

Walison Paulino de Araújo Costa – UFRPE¹

RESUMO: Entendemos que, no Brasil, são muitas as diferenças existentes no que diz respeito ao português falado pelos brasileiros que compõem as cinco regiões geográficas. A princípio, observamos que o pensamento dominante é aquele segundo o qual quanto mais distantes os falantes estão localizados geograficamente, maior serão as diferenças em relação a esses falares regionais. Porém, vemos que Santa Catarina, no Sul, e a Paraíba, no Nordeste do país, apresentam repertórios lexicais que em muito se assemelham. Em termos teóricos, buscamos as contribuições da Dialectologia e da Sociolinguística, mais especificamente, da variação linguística, dos estudos sobre aspectos léxico-dialetais, considerando a cultura e a sociedade, baseando-nos em autores, por exemplo, como: Aragão (2010), Coseriu (1979) e Sá (2011). Metodologicamente, selecionamos 5 (cinco) vocábulos catarinenses com seus 5 (cinco) correspondentes paraibanos, a partir de um levantamento de 121 vocábulos anteriormente escolhidos, os quais foram extraídos de dois dicionários populares: *Dicionário da Ilha: Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina* e *Dicionário Popular Paraibano*. A seleção de 5 (cinco) vocábulos de cada Estado não foi aleatória. Pelo contrário, fizemos a seleção em conveniência com nossos objetivos e hipótese. Os 10 vocábulos são grafematicamente idênticos ou quase idênticos, tendo em vista que fazem parte do mesmo sistema linguístico. Porém, o que mais nos chama atenção é que, considerando a totalidade dos 10 (dez) vocábulos, 5 (cinco) deles terão os mesmos significados, ou pelo menos serão próximos; os outros 5 (cinco) terão significados diferentes, conforme discutimos na parte referente aos resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia, falares regionais, Sociolinguística, variação léxico-dialetal.

¹ Doutorando em Linguística pela PROLING – UFPB. Professor da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), Unidade acadêmica de Serra Talhada – PE, Brasil. [walleicoast@yahoo.com.br](mailto:waliicoast@yahoo.com.br)

ABSTRACT: We understand that in Brazil there are a lot of differences in the Portuguese spoken by the Brazilians that constitute the five regions throughout the country. In the beginning, we observe there is a bias according to which the farther speakers are located geographically, the bigger the number of differences are, concerning the regional manners of speaking. However, we can see that Santa Catarina, in the South, and Paraíba, in the Northeast of Brazil, present lexical repertoire that are similar in many aspects. Theoretically, we receive the contributions coming from Dialectology and Sociolinguistics, more specifically, we are grounded in the discussion of categories such as linguistic variation, lexical-dialectal studies, considering mostly culture and society, discussed by authors such as: Aragão (2010), Coseriu (1979) and Sá (2011). Methodologically, we selected 5 (five) words from Santa Catarina with their 5 (five) respective words from Paraíba, all of which were taken from 121 words, which had been selected previously. All of them were extracted from 2 (two) popular dictionaries: *Dicionário da Ilha: Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina* e *Dicionário Popular Paraibano*. The selection of 5 (Five) words from each State was not randomly. On the contrary, we made our choices according to our aims and hypotheses. The 10 (ten) words are graphematically identical, since they take part in the same linguistic system. Nevertheless, what catches our attention is the fact that, from the 10 (ten) words, 5 (five) of them will have the same meaning, or at least will be close in meaning; the other 5 (five) will have different meanings, according to what we discussed in the section where we showed the results.

KEYWORDS: Dialectology, regional manners of speaking, lexical-dialectal variation, Sociolinguistics.

Introdução

Sabemos que muitas são as diferenças existentes, em termos linguísticos, sociais, culturais, econômicos e políticos, dentro do Brasil. Por esse motivo, em contato com os falantes do português das cinco regiões brasileiras, muitos de nós podemos perceber as inúmeras diferenças existentes no falares regionais, em diversos níveis: fonético-fonológicos, discursivos, semântico-pragmáticos, lexicais, entre outros. Na maioria das vezes, tendemos a pensar que quanto mais se afastam esses grupos dialetais uns dos outros, mais variações existirão. Porém, nosso enfoque, neste trabalho, situa-se “entre-muros”, visto que objetivamos analisar, através de um recorte da lexia de dois estados, até que

ponto existe variação e quais as possíveis razões dessa (in)existência variacionista. Pretendemos, dessa forma, mostrar as aproximações/distanciamentos léxico-dialetais entre Santa Catarina, no Sul, e a Paraíba, no Nordeste. Trata-se de duas regiões distantes geograficamente, porém seus repertórios lexicais, em muito, se assemelham, visto que fazem parte do mesmo sistema – língua portuguesa. Mas até onde vão essas semelhanças e diferenças? Grosso modo, percebemos que, às vezes, os mesmos vocábulos são usados com o mesmo significado; já em outras situações, os mesmos vocábulos são usados com outro sentido, materializando-se, assim, a nossa hipótese. Por se tratar da mesma língua – a portuguesa –, o repertório lexical, pelo menos o padrão pertencente ao cânone mais universal, é comum a qualquer variedade do idioma, porém nosso corpus é composto por verbetes de dois dicionários que contêm termos populares². E em função do adjetivo “populares”, entendemos que esses vocábulos escolhidos refletem o modo como as pessoas concebem o mundo, as suas experiências mais tácteis, o seu universo cultural, as demandas de ordem sócio-histórica, as prescrições antropológicas herdadas de seus antepassados etc. E por essa razão é que justificamos a escolha do tema, por se tratar de dois estados distantes e sem maiores intercâmbios sócio-culturais.

Para historicizar um pouco acerca dos trabalhos realizados no âmbito da Dialetoлогия, considerando os diversos falares dentro do Brasil, vemos que muitos já são os Atlas Linguísticos elaborados. Só para citar alguns, temos os de Minas, Bahia, Sergipe, Paraná e o da Paraíba. Se fizermos uma busca dos trabalhos feitos na área, veremos que muitos Programas de Pós-graduação vêm se ocupando, nas últimas décadas, em desenvolver pesquisas que tratam de aspectos fonético-fonológicos e léxicos em relação aos falares do português brasileiro. As correntes teóricas que os embasam são várias. Porém, aqui, nosso interesse é no campo específico da lexicologia e, tangencialmente, da lexicografia, uma vez que nosso corpus é selecionado a partir da compilação desses dois dicionários populares. Com o intuito de argumentar em favor de nossa imersão no eixo essencialmente lexicológico, é que traremos as demarcações em termos de domínios de uma área e outra, embora essa zona limítrofe seja muitíssimo tênue. Entendemos a lexicografia como a técnica usada para a confecção de dicionários, glossários e vocabulários; já a lexicologia é uma área da ciência linguística que trata da do estudo dos vocábulos considerando, entre outras direções, o seu significado, a sua semanticidade em

² *Dicionário da Ilha: Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina e Dicionário Popular Paraibano*, cujas referências bibliográficas completas constam na seção final deste artigo.

relação a outros vocábulos da língua, ou mesmo comparando-os com outras línguas, tanto numa perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Contemplando esse norteamo, vemos que o estudo do fenômeno a que nos propomos não diz respeito diretamente à técnica por meio da qual são confeccionados esses referidos dicionários. Temos tão somente a intenção de contemplar, analisando o significado, numa perspectiva sincrônica, de alguns vocábulos do repertório popular catarinense e paraibano.

O corpus utilizado para a nossa abordagem é resultado de uma seleção lexicográfica em dois dicionários já mencionados anteriormente, um de Santa Catarina e o outro da Paraíba, motivo por que nossa ênfase recai especificamente sobre a lexicologia.

Com o objetivo de sistematizar nosso texto, proporcionando ao leitor uma visão panorâmica, optaremos por dar continuidade a este estudo, trilhando as seguintes seções: Fundamentação teórica, dentro da qual constarão as seguintes subdivisões – *Língua e variação*; *Dialetologia e sua relação com a sociolinguística*; e *Léxico, cultura e sociedade*. Em seguida, faremos um esclarecimento sobre o percurso metodológico, esboçando-o na seção que trata da Metodologia. Posteriormente, prosseguiremos com a Discussão e resultados, onde refletiremos sobre os dados à luz das orientações teóricas selecionadas. E, por fim, traremos nossas Considerações finais, seguidas das Referências consultadas que embasaram esta discussão.

1. Fundamentação teórica

1.1. Língua e variação

Entendemos a linguagem enquanto heterogênea. E nessa dimensão, pressupõe-se o processo de interação entre os usuários da língua, os quais desempenham uma função eminentemente social. Essa noção sugere que a língua varia no tempo e no espaço. Nessa perspectiva variacionista, temos o trabalho de Labov, emergindo principalmente nas décadas de 50 e 60, o qual preconizava uma relação bem próxima entre a língua e a sociedade. Mas, por razões de pertinência teórica dentro desta investigação especificamente, destacaremos as abordagens feitas por E. Coseriu, Dino Preti e S. M. Bortoni-Ricardo.

Coseriu (1979) afirma, em sua abordagem, a existência da distinção entre *sistema*, *norma* e *fala*. O sistema é existência de muitas regras na língua, pressupondo um conjunto de imposições (prescrições) e liberdades e, conseqüentemente, oferecendo ao usuário

inúmeras realizações, na condição de não afetar o funcionamento geral do sistema. Deve haver, pois, um equilíbrio entre as imposições e as liberdades. As mudanças por que passa a língua não a descaracterizam. Quanto à norma, ele diz que “é um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”. (COSERIU, 1979, p. 74). “Dentro de uma comunidade linguística podem ser verificadas muitas normas - popular, linguagem, literária, linguagem vulgar -, distintas entre si no que se refere à gramática, à pronúncia e ao vocabulário” (ABREU, 2000, p.82). Já a fala é considerada como um conjunto de atos linguísticos cuja criação é inédita; por outro lado, são atos de (re)criação, já que se estruturam sobre modelos precedentes. (COSERIU, 1979).

Preti (1982), citado por Abreu (2000), diz que as variedades linguísticas são de dois tipos: *variedades geográficas* e *variedades sócio-culturais*. As variedades geográficas explicam a existência dos regionalismos, tendo em vista que estes advêm dos falares locais, circunscritos por uma comunidade delimitada geograficamente. Enquanto as variedades sócio-culturais dizem respeito à linguagem de uma comunidade determinada, podendo ser rural ou urbana.

Bortoni-Ricardo (1985) distingue dois tipos de heterogeneidade: a relacionada com questões como: urbano/rural e região geográfica e a relacionada com fatores funcionais, tais como: formalidade, informalidade e registro.

1.2. Dialetoлогия e sua relação com a sociolinguística

Quando falamos em heterogeneidade linguística, voltamo-nos para o que preceituam as duas grandes subáreas da Linguística: Dialetoлогия e Sociolinguística. A Dialetoлогия visa a estudar o fenômeno da variação pelo método cartográfico ou ainda por meio de métodos analíticos que contrastam as realizações linguísticas de uma mesma região ou de regiões distintas; ao passo que a Sociolinguística visa a estudar o fenômeno variacionista na língua falada, considerando, sobretudo, fatores como: sexo, faixa etária, profissão, escolarização etc.

As finalidades dos dois campos são mencionadas por Sá (2011, p. 246): a Sociolinguística “[...] preconiza o estudo de variações na língua falada e sua interferência nas restrições sociais, tais como sexo, tipificação etária, escolaridade, localização, renda e muitas outras.” Já a Dialetoлогия “[...] se manifesta a partir da cartografia dos resultados ou simplesmente pela análise contrastiva das realizações linguísticas encontradas em uma região qualquer”.

Dessa forma, vemos que as duas áreas se entrelaçam, uma vez que o fenômeno variacionista é preocupação de ambas, sem contar que a Dialetoлогия se beneficia dos métodos desenvolvidos pela Sociolinguística, mesmo que aquela, numa acepção cronológica, seja bem mais antiga do que esta. Os primeiros trabalhos dialetológicos datam dos séculos IX e XX, e o pioneiro foi Jules Guilliéron.

A Dialetoлогия tem seu escopo de domínio amplamente demarcado por diversas nuances, não mais podendo ser estigmatizada pelo fato de ser uma abordagem exclusivamente diatópica, embora nosso objetivo, aqui, seja também este. A Dialetoлогия, como diz Aragão (2000, p.55), não pode ser confundida com “uma mera geolinguística”. Por seu turno, a Dialetoлогия “estuda as causas sociais e estilísticas que determinam as variações regionais”.

1.3. Léxico, cultura e sociedade

Quando pensamos em *língua*, inexoravelmente pensamos em seus corolários *cultura* e *sociedade*. Até porque a língua só tem razão de ser, de existir se for falada, usada pelos grupos sociais. Nesses contextos diversos, o elemento *cultura* é o que, de muitas formas, acaba contribuindo para atribuir à língua(gem) seu caráter eminentemente heterogêneo. É como afirma Sá (2011, p. 245): “[...] questões ideológicas, valores éticos, morais e culturais podem se manifestar na fala espontânea através do léxico presente na memória do falante.” Ou ainda, essa trilogia confirma seu imbricamento quando o mesmo autor diz: “Ao usar o léxico, o falante permite expressar suas idéias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim usa a língua como retrato de seu tempo, atuando, inclusive como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (SÁ, 2011, p. 245). Em outras palavras, em um manuscrito de Aragão [s.n.t.], confirmamos essa mesma concepção: “No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira, pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico”.

2. Metodologia

Os sujeitos que fazem a ciência linguística têm se preocupado bastante com a produção de pesquisas que tratem de explicar fenômenos que circundam o nosso dia-a-dia. Nesses termos, propomos uma abordagem que visa a estudar as lexias, suas semelhanças

e/ou diferenças existentes entre o português falado em Santa Catarina e na Paraíba, considerando 10 (dez) vocábulos catarinenses com seus correspondentes paraibanos, os quais são idênticos em seu aspecto grafemático, ou quase idênticos. 5 (cinco) deles terão os mesmos significados, ou pelo menos serão próximos; os outros 5 (cinco) terão significados diferentes, como mostraremos mais adiante na seção que trata da discussão e dos resultados.

Em decorrência do grande contato que temos com falantes de Santa Catarina, e por ali termos estado em várias situações, começamos a nos inquietar pelas semelhanças léxicas comparando-as à Paraíba. Por outro lado, observamos que nem sempre esses vocábulos terão o mesmo significado, como será mostrado mais adiante.

Inicialmente, procedemos à feitura de um levantamento dos dois já referidos dicionários, considerando todos os vocábulos/expressões que iniciassem pelas letras A, B e C, resultando em 121 termos comuns aos dois estados, entre eles vocábulos diversos (verbos, substantivos, adjetivos etc.), além de expressões. Porém, como nosso intuito aqui é apenas refletir sobre esses aspectos lexicais, optamos por um recorte bem menor, como dito mais acima, nesta mesma seção.

Priorizamos a abordagem qualitativa para este estudo, tendo em vista que acreditamos no fato de ela poder trazer resultados mais satisfatórios. Pois, como afirma Minayo (2009, p. 21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” dos seres humanos cujas ações, as mais diversas, refletem a realidade.

A investigação que ora fazemos obedece aos passos seguintes: fase exploratória, trabalho de campo e análise do material.

Na fase exploratória, delimitamos o nosso objeto representado por 121 termos, entre eles vocábulos e expressões. Nesse momento, além de levantarmos alguns pressupostos para o encaminhamento desta pesquisa, desenvolvemos o objeto teórico e metodologicamente, e, posteriormente, decidimos pela escolha da amostra qualitativa, ou seja, 10 (dez) vocábulos, sendo eles: 1 (um) adjetivo, 2 (dois) verbos e 7 (sete) substantivos. A escolha não foi aleatória. Pelo contrário, fizemos a seleção em conveniência com nossos objetivos e hipótese. Além disso, à medida que íamos analisando os vocábulos escolhidos, checávamos sua existência em dicionários que contemplam o português padrão, nas versões europeia e brasileira. Quando verificávamos a presença dos referidos termos no dicionário, sem nenhuma característica que demonstrasse regionalismo

ou nota quanto ao registro (sobretudo popular), definitivamente fazíamos com que eles passem a compor nosso corpus.

O trabalho de campo é o momento em que refletimos sobre os dados a partir dos vieses teóricos, tendo como ponto de partida o levantamento de 10 (dez) vocábulos que viessem a confirmar ou refutar o que afirmamos em nossa hipótese na seção introdutória.

Na análise do material, procedemos à valorização, à compreensão e à interpretação dos dados, articulando-os com aportes teóricos selecionados que abarcam os estudos ligados diretamente à variação léxico-dialetal. Subdividimos essa fase em três: a ordenação dos dados, a classificação dos dados e a análise dos dados propriamente dita.

3. Discussão e resultados

No primeiro quadro abaixo seguem os vocábulos cujas acepções são idênticas em uma e em outra variante regional, como confirmam as definições extraídas dos próprios dicionários.

Santa Catarina	Significado	Paraíba	Significado
1. abafar	Roubar, furtar. Também esconder.	abafar	V. Apropriar-se do alheio. O advogado abafou a herança do cliente.
2. chama	Pássaro que se coloca numa gaiola ao lado do alçapão para atrair outro.	chama	S. Pássaro que se põe na gaiola para atrair outro no alçapão.
3. cobrêro ³	Feridas na pele, erupções. O mesmo que <i>cobreiro</i> .	cobreiro	S. Erupção cutânea que o povo atribui à passagem de uma cobra por sobre a roupa no quarador. Nasce essa dermatose quase sempre nas costas, em forma de uma mancha avermelhada e transversal, mas se cresce e circunda o corpo, por modo a unir uma ponta com a outra, mata o paciente, segundo a crença geral.

³ Trata-se do vocábulo *cobreiro*, porém Alexandre (1994) quis enfatizar a realização fonética dos falantes locais da Ilha, lançando mão da pronúncia figurada.

4. coça	Surra.	coça	S. Surra, tunda.
5. coité	Cuia, cabaça, <i>catuto</i> .	coité	S. Alteração de <i>cuité</i> .

Neste quadro a seguir constam os vocábulos com significados diferentes, conforme Alexandre (1994) e Almeida (1979):

Santa Catarina	Significado	Paraíba	Significado
1. afrontado	Cheio, satisfeito após a refeição.	afrontado	Adj. Cansado, de respiração ofegante.
2. baleeira	Embarcação feita de inúmeras tábuas, utilizada inicialmente na pesca de baleias. Atualmente, já motorizadas, são usadas na pesca costeira. O mesmo que <i>lança</i> .	baleeira	. S. O mesmo que baladeira
3. bicha	Fila. Ex: “A bicha do dotôri tava demais de grande”.	bicha	S. Cachaça, mulher prostituta.
4. boião	Vaso de barro bojudo, usado para fazer e servir café.	boião	S. Papagaio de papel de grande tamanho.
5. bulir	Mexer, agitar, implicar com alguém.	bulir	V. Ofender uma moça sexualmente. O cabra pegou cadeia porque buliu com a moça.

Inicialmente, podemos já confirmar a nossa hipótese, segundo a qual a existência de variantes de uma língua, em termos lexicais, não impede que elas possuam acepções iguais ou semelhantes para alguns de seus vocábulos, até porque se prestarmos atenção na história de colonizações no Brasil, perceberemos inúmeras influências de outros povos lusófonos ou não, tais como europeus e africanos nas regiões que compõem nosso território nacional,

além de outras etnias mais autóctones. E nesse aspecto, gostaríamos de chamar a atenção para a colonização portuguesa, mais especificamente, para a açoriana, maciçamente presente em Santa Catarina e, mais tímida, na Paraíba, conforme dados extraídos da *Info escola*⁴. Assim, poderemos dizer que há sim variação lexical, se considerarmos os falares de Santa Catarina e da Paraíba. Embora tenhamos esboçado uma simetria para demonstrar os vocábulos com significados semelhantes e vocábulos com significados distintos, fazemos questão de enfatizar que, na análise dos 121 vocábulos e expressões, em muito abundavam aqueles com significados que mostravam distinção entre os dois estados, realidade diametralmente oposta quando buscávamos os vocábulos com o mesmo ou semelhante significado.

Isso só vem a corroborar a ideia de que as experiências de mundo, as ideologias compartilhadas pelos membros de uma dada comunidade são espelhadas no seu repertório lexical. Como exemplo, temos o verbo *bulir*. De forma mais ampla, esse vocábulo significa *mexer, implicar com alguém*; porém, na Paraíba, como os padrões tradicionais quanto à virgindade feminina ainda são bastante vigorosos, percebemos a acepção *tirar a virgindade*. Outro caso bastante interessante é o vocábulo *baleeira*. Para a Paraíba, é o mesmo que *baladeira* ou *estilingue*; já para Santa Catarina, era a *embarcação utilizada na pesca da baleia, prática bastante comum trazida pelos imigrantes açorianos*. Nesse sentido, podemos ver que, como afirma Coseriu (1979), a norma é geralmente usada pelos falantes de uma determinada comunidade. Ou seja, em Santa Catarina, convencionou-se dizer *baleeira* para se referir exclusivamente à embarcação, pois era algo que fazia parte do seu cotidiano. Dessa forma, vemos que a norma, de alguma forma, pode ser entendida como a linguagem simbólica refletindo sua experiência corporificada no mundo.

Outro fato bastante interessante, embora não esteja diretamente ligada ao estudo a que ora nos propomos, é o vocábulo *cobrêro/cobreiro*, pois é o termo usado para se referir a *cobrelo*, que é dicionarizado. Porém, mesmo distantes geograficamente, os catarinenses e paraibanos tendem a apagar a lateral substituindo-a pela vibrante. De forma semelhante foi o que acontecer também com *coité*. A palavra tradicionalmente amparada pelo léxico, digamos assim, mais canônico é *cuité*, mas ambos os estados optam pela variante *coité*.

Algumas questões não foram respondidas a contento, mas talvez em função da ausência de uma explicação de ordem mais filológica que pudesse aclarar com mais

⁴ Disponível em: (<http://www.infoescola.com/historia/imigracao-acoriana-no-brasil/>), com acesso em: 02 de agosto de 2012.

precisão a história de cada um desses termos, as influências e os processos que sofreram. Outrossim, devemos mencionar os diversos fluxos migratórios que se interseccionaram com as variantes de Santa Catarina e da Paraíba, fazendo com que estas fossem influenciadas por suas maneiras próprias de conceptualizar o mundo, resultando na (res)semantização de pelo menos parte de seu léxico.

4. Considerações finais

Por fim, afirmamos ter sido satisfatório o percurso trilhado, mas deixando bem claro que este estudo não busca pôr fim à discussão em torno da relação entre o português paraibano/catarinense. Pelo contrário, achamos que reflexões dessa natureza podem ser auxílio e servir de ferramenta pedagógica principalmente para o ensino de língua portuguesa na educação básica (ensino fundamental e ensino médio), para a qual, tradicionalmente, um modelo de língua deve sempre ser seguido, resultando assim numa referência paradigmática geralmente fria e carente de autenticidade, uma vez que não é usada pela grande maioria dos usuários do português. Por outro lado, se insistirmos em pensar desse modo, acabamos fechando os olhos para a realidade existente espalhada por todo território nacional. A diversidade é algo bastante presente no português brasileiro, considerando que as influências que atingem cada região refletem a miscelânea de culturas e *modus vivendi* de cada comunidade, razão por que não somos autorizados em hipótese alguma a atribuir a nenhuma variedade o *status* de mais prestigiada, mais correta ou padrão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Iveuta Lopes. Variação linguística e ensino de língua portuguesa: alguns pressupostos básicos. In: COSTA, Catarina de S. S. M. *et al. Linguística e ensino de língua portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica*. Teresina: EDUFPI, 2000.
- ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.
- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário Popular Paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Aspectos dialetais do português do Brasil: os falares nordestinos*. Manuscrito. [s.n.t.]
- _____. *Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos*. GELNE, v.2, Fortaleza, UFC, 53-59, 2000.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers*. Cambridge: CUP, 1985.
- COSERIU, E. *Teoria da Linguagem e linguística geral*. Trad.: Agostinho Dias. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: EDUSP, 1979.
- INFO ESCOLA. *Imigração Açoriana no Brasil*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/imigracao-acoriana-no-brasil/>>. Acesso em: 02 de agosto de 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SÁ, Edmilson José de. *O léxico na região Nordeste: questões diatópicas*. ReVEL, v.9, n. 17: 244-261, 2011.